

V.9 — N.2 (JUL./DEZ. 2020)

NESET

REVISTA DO

ESTAMPA
COMO SERÁ
NADA SERÁ



AM



REVISTA DO NESEF
FILOSOFIA E ENSINO

NADA SERÁ COMO ANTES

ISSN 2317- 1332

Curitiba

Agosto – Dezembro 2020

COORDENAÇÃO

Geraldo Balduino Horn
Hélio Camilo
Valéria Arias

CONSELHO EDITORIAL PERMANENTE

Alejandro Cerletti (UBA)	Emmanuel José Appel (UFPR)	Marcos Lorieri (UNINOVE)
Anita Helena Schlesener (UFPR/UTP)	Euclides André Mance (IFIL)	Maria Cristina Theobaldo (UFMT)
Antônio Edmilson Paschoal (PUCPR)	Felipe Ceppas (UFRJ)	Mauricio Langón (IPES/ ANEPE - UY)
Antônio Joaquim Severino (UNINOVE)	Giselle Moura Schnorr (FAFIUV)	Odilon Carlos Nunes (UFPR)
Bernardo Kestrin (Unibrasil)	Gustavo Ruggiero (UNGS - ARG.)	Ricardo Costa de Oliveira (UFPR)
Carmen Lúcia F. Diez (UNIPLAC)	Jelson Roberto de Oliveira (PUCPR)	Patrícia Del Nero Velasco (UFABC)
Celso Fernando Favaretto (FEUSP)	José Antônio Martins (UEM)	Roberto de Barros Freire (UFMT)
Delcio Junkes (UFPR)	José Benedito de Almeida Júnior (UFU)	Rodrigo Pelloso Gelamo (UNIMEP)
Celso de Moraes Pinheiro (UFPR)	Jorge Luiz Viesenteiner (PUCPR)	Tânia Maria F. Braga Garcia (UFPR)
Celso Luiz Luidwig (UFPR)	Junot Cornélio Matos (UFPE)	Vanderlei de Oliveira Farias (UFFS)
Dalton José Alves (UNIRIO)	Lucrécio Araújo de Sá Jú- nior (UFRN)	Walter Omar Kohan (UFRJ)
Danilo Marcondes (PUCRJ)	Marcelo Gonçalves Marce- lino (NEP-UFPR)	
Darcisio Muraro (UEL)	Marcelo Senna Guimarães (Colégio Pedro II - RJ)	
Domenico Costella (IFIL)		
Elisete Tomazetti (UFSM)		

COMITÊ DE AVALIAÇÃO DESTA EDIÇÃO

Barbara Canto (UFPR)	Giselle Moura Schnorr (UNESPAR-UV)	Lucas Lipka Pedron (NESEF-UFPR)
Benito Eduardo Maeso (USP)	Izis Dellatre Bonfim Tomass (UFPR)	Márcio Jarek (UFRJ)
Edilson Costa (Faculdade São Basílio Magno)	Jonathas Ribeiro de Almeida (UFPR)	Marilia Pisani (UFABC)
		Marcos Antonio de França (UFPR)

APOIOS

Setor de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE-UFPR
Grupo de Trabalho e Pesquisa História das Filosofias - IFPR
GEsPBC (Grupo de Estudos em Filosofia Brasileira Contemporânea) - UFPR
Bardo Revisão

COLABORAÇÃO

Diagramação: Bardo Revisão (bardo.revisao@gmail.com)
Coletivo de pesquisadores do NESEF

É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DOS CONTEÚDOS DESTE PERIÓDICO DESDE QUE CITADA A FONTE, CONFORME ESPECIFICAÇÃO DOS EDITORES E LEGISLAÇÃO QUE REGULA A PROPRIEDADE INTELECTUAL.

SUMÁRIO

EDITORIAL | 6

SEÇÃO I ARTIGOS

PESTE, APOCALIPSE E (TEO)POLÍTICA: A
PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL | 10
Benito Eduardo Maeso

A RUPTURA DOS AFETOS E O INCONTORNÁVEL
AFETO DA RUPTURA NA PANDEMIA | 21
Selma Lamas

SUBCIDADANIA LGBTQ E PROTEÇÃO SOCIAL
NA PANDEMIA DE COVID-19 | 31
Beatriz Santos Barreto

A PANDEMIA E O APROFUNDAMENTO DA RACIALIZAÇÃO | 50
Martina Ribeiro Florêncio

PANDEMIA E PENSAMENTO INDÍGENA:
NOVOS E VELHOS DESAFIOS | 61
Gustavo Fontes

A RUÍNA DA REPÚBLICA E A BAIXA ADESÃO
AO DISTANCIAMENTO SOCIAL | 80
Fabio Antônio da Silva

CRISE DEMOCRÁTICA E A DEMOCRACIA COMO
FORMA DA EXPERIÊNCIA POLÍTICA MODERNA
EM TOCQUEVILLE E STUART MILL | 99
Maria Isabel Limongi

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, TEOLOGIA E O CORONAVÍRUS:
TECENDO OS SENTIDOS DESTE MOMENTO | 110
Elizeu da Conceição
José Aguiar Nobre

O TEMPO HISTÓRICO PÓS-CATÁSTROFE: UMA
LEITURA DE ADORNO SOBRE BECKETT | 129
Felipe Serafim Vieira

O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL: CONSIDERAÇÕES
SOBRE ZONAS DE ESPERA | 146
Eloyluz de Souza Moreira

SEÇÃO II INFORMATIVO NESEF

EM REPÚDIO AO DESRESPEITO ÀS PRERROGATIVAS
DO DIREITO UNIVERSAL À EDUCAÇÃO NO ESTADO
DO PARANÁ, COM A POLÍTICA DAS AULAS REMOTAS
NO PERÍODO DE PANDEMIA | 160
Coletivo do Nesef

SEÇÃO III ENTREVISTA

A NEGAÇÃO BOLSONARISTA SOBRE O COVID É UMA
NOVA FORMA DE AUTORITARISMO HOMICIDA | 164
Michael Lowy

**SEÇÃO IV
PODCAST – PAULO ARANTES (USP)**

O MUNDO SUSPENSO ENTRE DUAS
BATIDAS DE UM RELÓGIO | 173

**SEÇÃO V
RESENHA**

CHAMAMENTO AO POVO BRASILEIRO, DE
CARLOS MARIGHELLA | 182
Everton Marcos Grison

EDITORIAL

*Eu já estou com o pé nessa estrada
Qualquer dia a gente se vê
Sei que nada será como antes, amanhã
Que notícias me dão dos amigos?
Que notícias me dão de você?
Alvoroco em meu coração
Amanhã ou depois de amanhã
Resistindo na boca da noite um gosto de sol*

(Milton Nascimento e Ronaldo Bastos)

Assim começa a letra da música *Nada será como antes*, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos. Podemos, a partir dela, pensar em muitas coisas e viajar por vários e diferentes caminhos e mundos. Aqui ela será tomada como epígrafe ou mesmo ponto de referência para pensar o tempo presente como possibilidade do “tempo da virada”, para além dos muros da universidade e de canonizadas interpretações acadêmicas. Trata-se de ler e interpretar o presente tal como ele é, tal como ele se apresenta diante de nossos olhos e da forma como se expressa cotidianamente.

De maneira bastante esquemática, podemos falar, na esteira da filosofia contemporânea, a partir de Marx, especialmente de Lukács e Mészáros, em duas formas de conhecimento e intervenção: (a) aquela que se reconhece, sobretudo, no domínio do institucionalizado, portanto, submetida a determinadas regras – *modos operandi* – do conhecimento hierarquizado e hermético do mundo acadêmico que obedece à lógica da produtividade em larga escala; (b) a que se reconhece e se realiza como uso da razão pública – para utilizar uma expressão kantiana –, mas que, efetivamente, é concebida e toma forma em Marx por seu conteúdo humanista e inequivocamente emancipatório.

Na toada desta segunda compreensão – resistindo à instrumentalização da filosofia reduzida às conformações institucionais, às práticas instrumentais, operatórias e mercantis e, por conseguinte, sujeita à reificação –, que este número da Revista do Nesef foi pensado e organizado. Os textos, que já se apresentam para além dos convencionais

temas acadêmico-filosóficos, também não perdem de vista a tensão e o diálogo com conjuntura política e econômica do tempo presente e, em especial, com certa expectativa de que a “encruzilhada” – problemas decorrentes da pandemia –, possa impulsionar para alguns uma “virada” rumo ao rompimento das estruturas capitalistas, enquanto para outros signifique apenas um aprofundamento da crise política, econômica e social, como mais uma crise cíclica a favor do capital.

No capitalismo contemporâneo ultraliberal onde o Estado é manipulado pela classe dominante, que atua em consonância com as corporações transnacionais impondo suas doutrinas e estratégias de controle e de ampla reprodução do capital, a vida dos cidadãos está permanentemente ameaçada. A sociedade dita democrática vive em constante estado de exceção. A democracia se reduziu a mera representação parlamentar, a decretos do executivo e ao controle da ordem pública por parte do judiciário. No caso brasileiro, somado aos desmandos da administração pública em tempos de pandemia, o que nos resta?

A Covid-19 acirrou ainda mais o debate secular acerca das ideias econômicas e, evidentemente, das estratégias de organização do sistema capitalista mundial e do próprio sistema político e social macroestruturante, onde o imperialismo capitaneado pelos EUA tem a sua hegemonia contestada.

Por diversas vezes ouvimos a frase “a Covid-19 não escolhe classes sociais”. Até certo ponto isso é verdade. O vírus em si não escolhe classes sociais, mas ao longo destes nove meses ficou comprovado também que os mais ameaçados pela pandemia foram e continuam sendo os pobres, os desvalidos, os trabalhadores precarizados e excluídos do sistema de proteção social. Todos aqueles que o Estado (brasileiro em especial) sempre fez questão de esquecer hoje não morrem mais de esquecimento, morrem pela omissão desse Estado.

Com espírito de curiosidade imbuído do sentido de imanência e do uso da razão pública, convidamos você para ler e refletir sobre os temas aqui apresentados.

Agradecimentos

Um agradecimento especial a Gabriel Eduardo Mainardi Maeso pela criação da capa. Parte de um ícone medieval que representa, aos olhos de hoje, a estranheza e o medo bizarro dos tempos tumultuosos da época da Peste Negra, colocado em contraste com luzes sobrecarregadas que remetem a uma estética mais modernizada, presente na *Web Art*, com elementos que remetem ao dia a dia dos tempos atuais, como o *smartphone* e o bastão de *selfie*, em substituição ao instrumental manejado pelos médicos no tempo da Peste (o fumigador e o cajado). Assim, buscou-se misturar o passado com o presente, (sobre)carregado também de incertezas, estranhezas e doenças.

Agradecemos também a Bárbara Canto, Benito Maeso Izis Del-latre Bonfim Tomass e Lucas Lipka Pedron, bem como aos integrantes do Grupo de Trabalho e Pesquisa História das Filosofias do Instituto Federal do Paraná, pelo apoio e empenho em todas as etapas da orga-nização deste número da revista.

Saudações filosóficas!

Geraldo Balduino Horn

Valéria Arias